

TÍTULO ORIGINAL:
CAPHARNAÛM (2018)

Título em português:
CAFARNAUM

Estreia em Portugal: 7 de fevereiro de 2019

Edição DVD: NOS, audiovisuais,
Lisboa, 2019

Duração: 121 min.

Realização: Nadine Labaki

Fotografia (cores): Christopher Aoun

Música: Khaled Mouzanar

Argumento: Nadine Labaki e
Jihad Hojeily

Intérpretes principais: Zain Al Rafeea
(Zain); Yordanos Shiferaw (Rahil);

Boluwatife Treasure Bankole (Yonas);

Kawsar Al Haddad (Souad); Fadi

Yousef (Selim); Alaa Chouchnieh

(Aspro); Elias Khoury (o juiz); Nadine
Labaki (advogada do Ministério

Público); Mohammad Al Abdallah

(Salah); Riman Al Rafeea (a irmã de

Zain); Ahmad Assaf (o amigo de

Zain); Mohamad Assaf (um outro

amigo de Zain).



O FILME – SINOPSE

Aos doze anos, Zain (Zain Al Rafeea) carrega uma série de responsabilidades: é ele quem cuida dos seus irmãos na barraca em que vive junto com os pais, que estão sempre ausentes por força do trabalho que têm numa mercearia. Quando a sua irmã de onze anos é forçada a contrair matrimónio com um homem mais velho, Zain fica extremamente revoltado e decide deixar a família. Passa a viver nas ruas junto dos refugiados e de outras crianças que, de modo diferente dele, não estão ali por opção, mas por consequência da guerra e da miséria.

OPINIÃO | REFLEXÃO

NO PERCURSO DE NADINE LABAKI III

Porquê o nome Cafarnaum? Cafarnaum é uma cidade bíblica, importante palco nos Evangelhos dos muitos milagres efetivados por Jesus Cristo. No filme, Cafarnaum aguarda por milagres, aguarda para que tudo se transforme, para que de forma global e decisiva a dor acabe e chegue a felicidade. Porém, em “Cafarnaum” acontece efetivamente um milagre.

Zain revolta-se contra os pais e leva-os a tribunal. A razão dessa acusação é por si proferida, cruamente, diante do juiz e de toda a audiência: *Acuso-vos de me terem colocado no mundo.*

Ao dizer isto, Zain considera-se um ser desprezível, balizado por circunstâncias de vida terríveis, que o condenaram à mais funda indignidade como ser humano. Não tem, por isso, saída ou salvação, está irremediavelmente condenado a um perpétuo suplício terreno: crescer, viver e morrer em condições miseráveis. Este é o ponto de partida do filme de Labaki, um ponto de partida que marca uma radical diferença para com o que está implícito, ao longo do filme, no domínio da solidariedade, da fraternidade e do humanismo.

A cineasta libanesa, afastando-se de uma narrativa simples ou supostamente superficial, introduz no seu jogo cinematográfico uma estratégia interessante: colar a câmara aos seres humanos, em especial às crianças, e tudo acompanhar e captar numa proximidade extrema. Tudo é feito ao pormenor, a câmara, perseguindo a realidade feita de imundice, segue os espaços sujos e desabrigados, expõe personagens abandonadas que vivem numa irreversível miséria. Mas o que impressiona nesse colar da câmara é, sobretudo, a exímia direção de atores focada nas duas crianças protagonistas: Zain e Yonas. Cada uma delas, ou ambas, repartem momentos únicos nos gestos, nos olhares, nos tratos, nas brincadeiras. Tudo é exposto com um rigor na expressividade alcançada nas imagens que espanta e toca. Esse imenso trabalho de direção de atores potenciará, seguramente, o filme de Labaki para a história do cinema.

Voltemos à narrativa e à sua grandeza fílmica. Naquele tribunal, o juiz, para além da acusação feita aos pais, prossegue agora com a acusação dirigida a Zain. É referido que ele estava preso porque teria cometido dois crimes, um explícito, um outro implícito: o primeiro esfaqueara Selim, o marido arranjado pelos pais para ser, simultaneamente, protetor e usurpador da sua irmã; o segundo, vendendo, ou melhor, entregando, numa situação de irreversível desespero, Yonas, a criança que ele cuidara até ao limite, a um ignóbil traficante de seres humanos.

São estes os dois dados objetivos sobre a qual, paradoxalmente, a acusação de Zain aos pais perde sentido. Ou seja, com a vivência construída com a sua irmã verdadeira, Sahara, e com o falso irmão, Yonas, Zain revela-se um ser de exceção: corajoso, sensível, cuidador. Essa é a grandeza do filme, falar de prática efetiva desses valores, concretizada por Zain, em tempos arruinados que são criadores de seres inumanos. Esse é o milagre relatado em “Cafarnaum”.

À margem, mas sendo importante: Labaki é atriz. Participou, nessa qualidade, nos filmes por si realizados. Contrariamente aos seus filmes anteriores, ela não explora a sua beleza e a sua sensualidade. Durante “Cafarnaum” aparece unicamente três vezes. Sempre fugidia, emotiva e discreta, fazendo passar a partir dela própria a ideia de sobriedade e de seriedade, face à gravidade daquilo que está em causa naquele mundo destruído.